

Imaginação literária e imperialismo: o imaginoso Karl Peters

Marion Brepohl de Magalhães

O estudo da Literatura como fenômeno histórico em si mesmo adquiriu relevância somente há pouco tempo, graças à ampliação temática e metodológica propiciada pela “Nova História Cultural”. É sob esta perspectiva que a Literatura deixa de ser apenas um capítulo da “História das Idéias” e passa a ser compreendida enquanto experiência social de decisiva importância nos diversos níveis da vida pública. É por meio desta nova abordagem que se pôde constatar, entre outras questões, o processo do desenvolvimento da auto-consciência, o papel da Literatura no surgimento da esfera pública, o hábito de leitura como promotor de identidades coletivas.¹

No que se refere ao papel da Literatura na Era dos Impérios, o que nos chama a atenção é a perspectiva autobiográfica com que experiências concretas ou elaborações ficcionais são narradas. Esta interiorização da consciência que leva a um desdobrar-se sobre si constitui o foco central da maioria dos romances produzidos na virada do século, notadamente na Inglaterra e na Alemanha

Nestes romances, percebo que diversas elaborações sobre o descobrimento, colonização, conquista, a busca pelo Novo Mundo, o El Dourado, construídas no âmbito da literatura erudita, se trivializam e são apropriadas pelo homem comum, viajantes ordinários que apesar de não integrarem o restrito circuito dos agentes do Imperialismo europeu, criam para si - até como forma de compensação emocional - a auto-imagem de descobridores, de aventureiros, donos de uma grande nação, e não do que na verdade são, ou seja, homens supérfluos expulsos de seu país como mão de obra excedente.

Como já comentei inicialmente, esta tendência não está presente apenas na chamada literatura ficcional, mas também entre jornalistas, viajantes e agentes coloniais. E se reproduz na literatura de entretenimento (*Trivalliteratur*), a qual foi amplamente difundida e consumida pelo público leitor de classe média, e mesmo, em alguns níveis, da classe trabalhadora.. Sua especificidade histórica e sua densidade temática sugerem-nos que tal produção merece ser melhor analisada: entendendo-a como um artefato cultural que adquire relevância à medida em que conforma e reflete, simultaneamente, atitudes, crenças, referências e experiências políticas. Entendo-a, acima de tudo, como produtora de uma determinada identidade coletiva, no caso, de indivíduos que apostaram na aventura da conquista de outras terras como estratégia de enriquecimento. Homens que enfrentaram a experiência de se situarem entre dois mundos, donde sua percepção da vida a partir de aporias: o “próprio” e o “estranho”, o “passado” e o “futuro”, o “eu” e o “outro”.

Não que estes "duplos" estivessem ausentes no período anterior, o das conquistas ultramarinas, pelo contrário. Em nome deles, ganha terreno a disposição a abandonar a terra natal, o empenho pelo desenvolvimento da tecnologia, a própria ciência, e também os genocídios e outras

formas de violência. Mas enquanto nos séculos XVI e XVII isso foi empreendido em nome de coletivos - a evangelização, o fortalecimento da coroa, o enriquecimento da burguesia, no XIX, é em nome do indivíduo, este imbuído do desejo de auto-realização, quem dá impulso ao neocolonialismo.

Sobre tais imagens, Edward Said nos sugere que a cultura (particularmente aquela produzida sob formas estéticas, e que tem no prazer um de seus principais objetivos), conferiu autoridade social à dominação imperialista (1995, p.12). São tais artefatos, compreendidos como discursos, que organizam um determinado consenso à relação entre colonizador e colonizado. Para o autor, citando Fiedhouse,

A base da autoridade imperial foi a atitude mental do colono. Sua aceitação da subordinação - fosse num sentido positivo de comungar interesses com o Estado de origem, fosse pela incapacidade de conceber outra alternativa - deu durabilidade ao Império (1995, p. 42).

Por outro lado, esta mesma literatura também oferece imagens sobre a resistência do colonizado à chegada do homem branco, tensão esta que está presente tanto nas narrativas do nativo como do conquistador.

Se aceitamos a hipótese de que a Literatura representa uma narrativa constitutiva das relações imperialistas, resgatemos as afirmativas de Ian Watt e Hannah Arendt sobre o gênero que melhor expressou a cultura intelectual da virada do século: o romance.

Em Robison Crusoe, de Daniel Defoe, Ian Watt identifica o *ethos* burguês moderno: o individualismo econômico, o espírito de aventura, a dignificação do trabalho e a introspecção puritana.

Robinson Crusoe inaugura no romance aquela abordagem da experiência que compete com a autobiografia confessional e supera as outras formas literárias no tocante a aproximar o leitor do ser moral, interior, do protagonista e consegue isso utilizando como base formal a memória autobiográfica, que foi a expressão mais imediata e difundida da tendência introspectiva do puritanismo em geral (WATT, 1990, p. 68).

Para além destas invenções, que refletem a mentalidade política do público leitor europeu da época, Crusoe é também uma obra profética, pois antecipa o empreendimento moderno da descoberta e domínio de outras civilizações: deslocar-se para conhecer; conhecer para dominar; descrever como forma de atribuir para si a autoridade sobre o objeto de conhecimento.

Sobre o aventureirismo, ou seja, o desejo de arriscar-se em favor da conquista, sentimento que permeia quase todos os romances do século XIX, encontramos em Hannah Arendt uma síntese explicativa de decisiva importância para a compreensão do caráter imperialista.

Segundo ela, o romance é o sucessor do drama, tanto quanto à ação pública sucedeu-se o interesse pela vida privada e pelo destino pessoal.

A promoção do acaso à posição de árbitro final da vida iria atingir o seu ponto mais alto no século XIX. Como resultado, surgiu um novo gênero de literatura, o romance, que acompanhou o declínio do drama. Pois o drama perdeu o seu sentido, num mundo sem ação, enquanto o romance podia tratar adequadamente os destinos dos seres humanos que eram quer vítimas da necessidade, quer favoritos da sorte. Balzac demonstrou todo o alcance do novo gênero e chegou a apresentar as paixões humanas como o destino do homem, sem vício nem virtude, nem razão, nem livre arbítrio. Só o romance na sua completa maturidade, tendo interpretado e reinterpretado toda a gama dos temas humanos, podia pregar o evangelho da paixão do homem pelo seu próprio destino...ⁱⁱ

Como se depreende desta citação, o que interessa para Hannah Arendt é analisar menos a obra enquanto ato estético (oposto à linguagem prática) ou, como o fizeram os marxistas, a literatura como instância subordinada ao "real", e mais em função de seu público leitor. Sob esta perspectiva, o romance adquire sentido enquanto uma narrativa sobre o destino individual de um determinado protagonista, um pequeno herói, com quem qualquer indivíduo pode se identificar e que, devido à sua sorte ou azar, terá um destino feliz (a riqueza) ou infeliz (a necessidade).

Este pequeno herói, personagem que alcança a fortuna, seja pelo seu gênio ou por sua sorte é, conforme Arendt, a definição estética dos homens que deixaram a Europa para conquistarem a África em finais do século XIX - os quais fundam uma nova ética. Não mais a da solidariedade, como entre os trabalhadores, ou do individualismo burguês que no entanto conhece o seu freio na Lei, mas a ética do *topar a tudo*, *desde jogar cara ou coroa até matar alguém*, pois estavam fartos de serem considerados párias, *e queriam pertencer a uma raça de senhores*.ⁱⁱⁱ

Para lograr o sucesso, estes homens, devido à perda ou ausência de *status* na sociedade industrial europeia, recusam a associação às organizações da classe trabalhadora em seu mundo, deslocando-se para outros mundos, (no caso, principalmente a África negra), onde as leis ou respeito aos direitos humanos podiam ser abandonados, posto que os instrumentos de controle social não se faziam presentes; ali, a violência e a exploração econômica se tornaram os únicos instrumentos de dominação. Neste contexto, o selvagem não é o nativo, mas sim o homem branco: num horizonte sem lei, revela-se a *paixão* que nutre todo o *civilizado pelo seu próprio submundo*^{iv}, o que leva, no limite, à abolição da condição humana de pluralidade, justificada sobretudo pelas doutrinas racistas.

Segundo Arendt, a produção literária desta época pode ser entendida como um conjunto de lendas,^v uma vez que apresentam os europeus como povo desde sempre superior, politicamente amadurecido e preocupado em civilizar o mundo, como pode ser exemplificado no personagem de Conrad:

(...) podemos sentar e olhar. Claro, algum dia, interviremos. Mas não há pressa (...) Estaremos ditando as regras para tudo (...) Conduziremos os negócios do mundo, quer ele goste ou não. O mundo não pode evitá-lo - e nem nós, suponho eu.^{vi}

Mensagens como o excerto deste romance são exemplos, segundo nossa compreensão, daquilo que conferiu legitimidade afetiva à dominação imperialista, e que se cristaliza até meados do século XX como o novo herói das massas: não aquele idealizado pelo jacobinismo e sua compaixão pelo pobre, nem os grandes heróis da época clássica, mas aquele que, devido à sua resoluta vontade, desafia a história e, por meio da aventura, conquista seu lugar no mundo.

Sobre este sentimento, vale a pena citar o poema *If* de Ruyard Kipling:

Se podes empilhar todas as tuas vitórias/E arriscar tudo num único lance de cara ou coroa/E perder, e começar tudo de novo/ Sem jamais dizer uma palavra sobre tuas perdas/Se podes forçar teu coração, nervos e músculos/Para servir-te bem depois de já enfraquecidos/E resistir quando não há mais em ti, exceto a vontade que diz a eles: "resistam".

Se podes conversar com a plebe e manter tua virtude/Ou caminhar com reis sem perder teu jeito de ser/Se nem inimigos ou amigos queridos podem machucar-te/Se todos os homens podem contar contigo, mas nenhum por demais/Se podes preencher o inexorável minuto com sessenta segundos de corrida à distância/Tua é a Terra e tudo que nela há/E - ainda mais - serás um homem, meu filho!^{vii}

Assim celebrado, este personagem possui ainda uma outra característica, que também é explorada por Arendt: o senso de missão. Sim, pois à medida que a conquista e o enriquecimento não anulam a insistência dos negros em permanecerem como humanos, só resta ao homem branco tornar-se seu deus^{viii}. Se para alguns, isso é um fardo, (como afirmou Cecil Rhodes), para outros, trata-se da paixão filantrópica que também caracteriza o pequeno burguês ávido por reconhecimento e prestígio.

Estes personagens, presentes nas obras de Conrad e Kipling, os quais inspiram outros autores da época, só podem ser compreendidos se nos dispusermos a pensar o papel da leitura e dos leitores no século XIX. Século em que, principalmente após 1848, observa-se o refluxo da vida pública e uma onda de atividades repressivas contra quaisquer movimentos sociais. É também o século em que o sentimento nacionalista (nutrido no imaginário social, em boa medida, pela literatura^{ix}) é difundido entre as camadas não instruídas. E ainda, século do ingresso das massas na política pela via eleitoral, em detrimento de suas próprias representações.

A leitura do outro, a leitura de si

Segundo Arendt, as massas emergiram justamente no momento em que a sociedade de classes ruiu, pois enquanto a classe operária organizou seu próprio movimento e sua própria linguagem, e os ricos, os partidos burgueses, as massas permaneceram indiferenciadas, atomizadas, prescindindo de vínculos sociais, de identidade, de projeto político, enfim, de qualquer fórmula que lhes conferissem coesão social^x. Assim se refere Arendt a estes segmentos sociais:

A ralé é fundamentalmente um grupo no qual estão representados resíduos de todas as classes. É isto que torna tão fácil confundir ralé com povo, o qual compreende todas as camadas sociais. Enquanto o povo (...) luta por um sistema realmente representativo, a ralé brada sempre pelo homem forte, pelo grande chefe. Porque a ralé odeia a sociedade da qual é excluída e odeia o parlamento onde não está representada^{xi}.

Desta forma, o *lumpen*, o proprietário despossuído, o aristocrata decadente e o burguês proletarizado, ao rejeitarem (e serem rejeitados por) sua própria exclusão, projetando no outro as causas de seu infortúnio, e no líder forte, suas ansiedades, adotam comportamentos próprios do que Hannah denomina de ralé. Dado este comportamento, a ânsia por ascensão econômica às custas de seu esforço individual lhes pareceria a única forma de se livrarem de sua condição de subalternidade e, mais do que isto, como afirma Elias, da condição de *outsiders*^{xii}.

Boa parte deste segmento social permanece na Europa e são deles, na maioria dos casos, que procedem os líderes das massas. Um outro grupo, entretanto, desloca-se para outras regiões, em busca de dinheiro, mas também, de reconhecimento. E outros, recolhem-se ao seu anonimato e em seu pequeno mundo - para dedicarem-se, por meio da leitura, a sonhar.

É este sentimento - este ressentimento contra a sua própria sorte, que produziu, segundo o nossa compreensão, os autores dos romances de aventura. Ainda que suas obras não fossem reconhecidas na academia ou pelos representantes da cultura erudita, entre os seus, disputariam o prestígio de *best-sellers*.

Para evidenciar a circularidade entre autor e público leitor, sobretudo, sobre o autor como leitor, tomemos o exemplo, para o caso alemão, de Karl Peters, o qual inspirou diversos autores tanto em seu tempo como à época do nacional-socialismo.

Peters retrata a um só tempo o caráter do homem imperialista e a escrita ressentida dos alemães por não possuírem colônias economicamente importantes, como foi o caso da Inglaterra, que permitiu a Rhodes afirmar que anexaria os outros planetas, se pudesse.

Peters serviu ainda de inspiração a Conrad, na construção do personagem Dr. Kurz, de *O coração das trevas*, que foi reeditado no filme *Apocalypse now*. E foi com certeza o conquistador com métodos mais bizarros que a Alemanha já conheceu.

Antes de citar, ainda que muito brevemente, alguns de seus escritos, dados de sua biografia precisam ser colocados em destaque.

Karl Peters (1856-1919) foi professor de História e de Filosofia na Universidade de Leipzig, onde nasceu; político nacionalista, sua única viagem para o exterior antes de tornar-se famoso foi para a Inglaterra. Conquistou uma porção da África Oriental para a Alemanha, foi o autor do Tratado de 1890 com o rei de Uganda, que no entanto fracassou em virtude da oposição inglesa e autor do Tratado que devolveu a Heligolândia à Alemanha.

Como já é conhecido, Bismarck não tinha interesse em conquistar colônias; considerava dispendiosa a manutenção de uma burocracia que garantisse a ocupação territorial, optando por eleger zonas de influência econômica, o que também se conhece por Imperialismo indireto.^{xiii}

Por estas razões, o movimento colonial alemão surgiu a partir da iniciativa de entidades privadas - homens de negócios sem muito sucesso, intelectuais e alguns políticos nacionalistas, membros de sociedades geográficas, etc.

Dois políticos antecedem Peters: Friedrich Fabri, um pastor protestante que ansiava, com o estímulo da emigração germânica para a América Latina, estabelecer uma colônia na América do Sul, quando a região se germanizasse por completo, por meio de um ataque da Alemanha à soberania brasileira^{xiv} e Hübber Schleiden, menos belicoso e mais romântico, que imaginava a expansão imperialista por motivos nacionalistas: *As colônias seriam um instrumento para disseminar a influência e cultura alemãs, para a preservação do Deutschtum*^{xv}

Com estas pretensões, estes e outros nacionalistas criaram a *Kolonialverein* (Associação Colonial) em 1882, sendo que, já em 1895, ela incorporaria um universo de 10.000 membros.^{xvi}

Uma outra companhia foi criada : A *Gesellschaft für deutsche Kolonisation* (Sociedade para a colonização alemã), a qual militava abertamente em favor do imperialismo direto. Em 1887, ambas se fundem e passam a levantar capital necessário para o estabelecimento de uma colônia alemã na África Oriental. Com esta fusão, é criada a *Deutsche Kolonialgesellschaft*, na qual atuaria Karl Peters. Desde cedo, quando professor em Leipzig, não dissimulava seu amor e inveja pela Inglaterra pelas suas conquistas coloniais. Ainda que tivesse seguido a carreira de filósofo, era um político - um homem de ação. Ainda, em que pese sua formação acadêmica, não se livrou também de certo conteúdo místico, como a crença na numerologia, na predestinação e em fantasmas. Superstições que, embora lhes custasse a sua credibilidade como professor, não impediram que fosse o fiel depositário da aventura rumo a Zanzibar, local em que, com o auxílio financeiro da *Deutsche Kolonialgesellschaft*, representaria o mais importante e todavia efêmero trunfo da política colonial alemã.

A estratégia de Peters parecia inspirar-se nos romances de aventura de Karl May: ao chegar naquela região, foi a 12 aldeias e, pessoal e independentemente do Sultão de Zanzibar (que exercia o domínio formal sobre os povos nativos) negociou com os chefes locais o *Tratado de Amizade Eterna*, no qual a autoridade local declarava ser soberano pleno de sua aldeia, e que cedia tal direito

à Alemanha por uma aliança de sangue (tratado escrito em língua alemã e assinado pelos nativos com um xis)^{xvii}.

Quando retornou à Alemanha, "anunciou", na Conferência de Berlim, que havia conquistado para a Alemanha uma região de sublime beleza, comparável a Heildelberg (...)

Este território foi anexado como protetorado da Alemanha, e só perdeu esta condição após a Primeira Guerra Mundial. Nestes anos, a violência, a brutalidade, somados à incompetência em fixar ali uma burocracia que garantisse o efetivo domínio da Alemanha caracterizaram o empreendimento.

Peters era um arrivista. Já estava farto de ser um pária em seu próprio país, como recorda Hannah Arendt^{xviii}. A conquista de novas terras na África teria sido precedida, em sua imaginação delirante, pela conquista (que já teria sido realizada) de uma porção territorial no Brasil. Além disso, sua bizarra tentativa de colonização pacífica (leia-se, com o consentimento, por escrito, do colonizado), tinha logrado sucesso. Por isso, não entendia seus opositores, tampouco a péssima reputação de que gozava em seu país e no mundo, mesmo no mundo em que o imperialismo era aceito como estratégia de expansão econômica.

Entretanto, se nos atemos aos seus escritos, observaremos que a má reputação de Peters se deve ao fato de ele retratar, com clareza meridiana e sem qualquer hipocrisia filantrópica, o que vinham fazer os europeus no continente negro. Eu não fui à África para levar a felicidade aos africanos, tanto quanto os africanos não iriam à Europa com este objetivo, eu fui para servir minha gente e meu país.^{xix}

O modelo de colonização que defendia era a mesma dos Boers, que dominaram a África do Sul. *O trabalho compulsório é predestinado por Deus aos negros, não fosse assim não teriam eles tanta aptidão para o trabalho braçal^{xx}*, e sobre o despotismo, argumentava ele, mais brutal era a forma como os seus próprios reis os tratavam, por isso, o domínio dos brancos lhes soaria como alívio. Reforçava seu argumento lembrando das *workhouses* na Inglaterra, onde se praticava o trabalho compulsório, o que aliás, segundo ele, teria propiciado a que a Inglaterra tivesse o poder que tinha

Já a Alemanha - *ah, ... a Alemanha, por que a Alemanha é assim?* Porque enquanto na Inglaterra, só se tem a aristocracia financeira e o proletariado, na Alemanha ainda se conta com a presença de colonos, funcionários públicos, pequenos burgueses, gente provinciana e pusilânime, gente sem ambição e sem orgulho nacional - *aí, sua palermice colonial!^{xxi} Por isso, o emigrante se encontra no Brasil, dominado e explorado por colonizadores amadores. Conquiste-se para este aventureiro uma casa que ele possa chamar de sua, na África, e a língua alemã será difundida^{xxii}*, onde a raça superior contará com o trabalho dos negros. O sentimentalismo que favorece os negros, levará os brancos à ruína, como já aconteceu nos Estados Unidos graças ao palavrório de Pai Tomás^{xxiii}

Estranha geopolítica para quem está escrevendo na virada do século. Perspectivas históricas questionáveis, se levamos em conta a prosperidade dos Estados Unidos. Franqueza excessiva, se tomarmos o exemplo dos tutores ingleses que acompanhavam as missões coloniais. Hipótese imponderável, a de se criar um regime escravista estatal^{xxiv}.

Seja como for, mais do que na ficção de Conrad, Peters superaria dr. Kurz, pois se horrorizava se horrorizava com a incompreensão de seus compatriotas no que se referia a seu nacionalismo expansionista.

Nem todos, porém. Os escritos de Peters seriam reeditados, com as devidas homenagens póstumas, em 1943, momento em que o sonho imperialista pareceu por algum tempo realizar-se.

Conclusão

Para concluir, gostaria de afirmar que, para esta comunicação, percorri um caminho semelhante ao de Arendt, mas baseando-me não na obra de Conrad, *O coração das Trevas*, e sim nos escritos de quem inspirou aquela criação literária. E pude perceber o motivo pelo qual ele foi representado como o protótipo do caráter imperialista.

Porque ele integra a sensibilidade moderna, a qual, segundo Arendt, está sempre *pronta para o sofrimento, compreensão, desempenho de determinado papel - tão desesperadamente necessária à dignidade humana, que exige que um homem seja pelo menos uma vítima, se não puder ser outra coisa*^{xxv}

Fosse Peters um herói, um fracassado, um missionário ou um criminoso aos olhos e juízo de seus leitores, tanto faz: sua condição permanente é a de solidão, de contar apenas consigo mesmo, de não experimentar o que se pode ter com a amizade entre iguais.

Sob o ponto de vista da literatura de entretenimento, estas elaborações encontram ressonância por se ajustarem, em minha opinião, ao que se pode entender por ressentimento e desejo, móveis afetivos que levaram Peters/ Dr. Kurz a imaginar os lendários heróis de Karl May, escritor que descreveu tantas viagens imaginárias para quase todas as regiões do mundo não europeu, como homens de verdade.

Bibliografia

ANDERSEN, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989. 191 p.

ARENDT, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. 622 p.

BREPOHL DE MAGALHÃES, M.D. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998

BRETTEL, Caroline. Travel literature, ethnography and ethnohistory. in: *ETNOHISTORY*. n. 2, v. 33, 1986.

ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre: LPM, 2002.

ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOISIL, Madelaine. A escritura do foro privado. in: ARIËS, Phillipe´ & DUBY, George. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.3

GOTTLOB, Joseph. Karl May am Rio de la Plata. in: *SÜDAMERIKA*. Buenos Aires, n.2 (okt-dez), 1957. p. 133-36.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios; 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 546 p.

HORTON, John & BAUMEISTER, Andrea T. (ed). *Literature and the political imagination*. London, Routledge, 1996.

PETERS, Karl. *Gesammelte Schriften*. München und Berlin: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1943.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a conquista da África*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ Renavan, 1988. p. 122

¹ Sobre estas aquisições intelectuais, ver: FOISIL, 1991, HABERMAS, 1984, MIX, 1987 e ANDERSEN, 1989.

ⁱⁱ ARENDT, 1978, p.203

ⁱⁱⁱ ARENDT, 1978, p. 259.

^{iv} ARENDT, 1978, p. 259.

^v Segundo Hannah, as lendas, desde os tempos antigos, servem para orientar os homens com relação a seu futuro, visto que não têm controle sobre o que herdaram de seu passado - inventadas, de forma deliberada ou não, elas servem para justificar aquilo que se nos apresenta como destino a ser cumprido (1978, p. 279-80).

^{vi} Holroyd, personagem de Conrad no livro *Nostramo*, financista de S. Francisco, ao dar conselhos a seu protegido sobre os investimentos a serem feitos em uma República da América Central. *apud* SAID, 1995, p. 18.

^{vii} Tradução livre da autora.

^{viii} ARENDT, 1978, p. 265

^{ix} Os limites desta comunicação nos impedem de tratar das conexões entre literatura, nacionalismo e imperialismo. A este respeito, ver: ANDERSEN, 1989.

^x ARENDT, 1978, p. 399 e ss.

^{xi} ARENDT, 1978, p. 164-5

^{xii} Os estabelecidos e os outsiders. S. Paulo,

^{xiii} BREPOHL DE MAGALHVES, M.D. Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã, rumo ao Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

^{xiv} idem

^{xv} WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a conquista da África*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ Renavan, 1988. p. 122

^{xvi} idem

^{xvii} idem.

^{xviii} ARENDT, 1978, p.

^{xix} PETERS, Karl. *Gesammelte Schriften*. München und Berlin: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1943. p. 393

^{xx} idem, p. 415

^{xxi} idem, p. 329 e 423

^{xxii} p. 337 e 387

^{xxiii} p.418-19.

^{xxiv} Devido à fraqueza política e econômica da burguesia alemã, Peters recomendava que o próprio estado escravizasse e se tornasse proprietário de escravos, como forma de atrair um razoável contingente de cidadãos dispostos a colonizarem a África. (p.415-19)

^{xxv} ARENDT, 1978, p. 203.